

DEZ MIL SÓIS

DE VOLTA
A HIROSHIMA



RENAN
CARVALHO

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Planeta

DEZ MIL SÓIS

DE VOLTA
A HIROSHIMA

RENAN
CARVALHO



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Renan Carvalho, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda França
Revisão: Paula Queiroz e Laura Folgueira
Projeto gráfico e diagramação: Kalany Ballardin
Capa: Renata Spolidoro
Ilustrações de capa e miolo: Felipe Marchioni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carvalho, Renan

Dez mil sóis : de volta a Hiroshima / Renan Carvalho. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

208 p. : il.

ISBN 978-85-422-2793-2

1. Ficção brasileira 2. Literatura fantástica 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Ficção

I. Título

24-3291

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br



1

O internato

Foram meros segundos, mas a imagem diante de Kazuo ficaria em sua memória, gravada como uma pintura. Uma tela que se enchia de cores quentes a cada pincelada, com o sol se desenhando e subindo ao céu azul. Aquele brilho se refletia nas pupilas arregaladas do menino, em uma mistura de medo e admiração. Ele apreciava a beleza intensa, o clarão alaranjado que se intensificou cem vezes diante de seus olhos, depois mil... dez mil vezes, como uma dezena de milhares de estrelas emanando seu poder quase infinito. Kazuo sentiu muito calor. Seu rosto ardeu com uma dor estridente. Veio o aperto firme da mão de sua mãe, cujos dedos se espremiavam entrelaçados aos seus. Por fim, assistiu àquela tela se preencher outra vez com branco, tão forte e cegante que o fez fechar os olhos. O que aconteceu depois, ele pouco se lembrava.

Quando se deu conta, já estava junto aos irmãos num internato insalubre e escuro. Não tinha certeza de como haviam parado ali. Era um local úmido e o cheiro o fazia lembrar do pé do avô Hayato quando o dedão infeccionou por

conta de uma unha encravada. Odor de desinfetante misturado com carne podre, o primeiro sendo usado para mascarar o cheiro do segundo, sem muito sucesso. Ao contrário do calor que sentira em Hiroshima alguns dias antes, agora Kazuo tinha frio.

O lugar que já fora referência no ensino de garotos órfãos agora padecia do mesmo mal que assolava todo o Japão: a guerra. Os suprimentos eram poucos. Faltavam comida, produtos para limpeza, e o uniforme das crianças já estava roto como os trapos de limpar o chão.

A única fonte de luz vinha da chama fraca de uma lamparina de papel, posta sobre a mesa de madeira do lado de fora. A eletricidade ainda não havia sido totalmente restaurada depois do ataque norte-americano.

Metade do rosto de Kazuo permanecia iluminado, trazendo uma expressão inquieta, enquanto a outra metade continuava coberta por esparadrapos e ataduras. Ele olhava para os três irmãos mais novos, com atenção especial ao caçula, Shiro, de apenas seis anos. Com o olhar semicerrado, Kazuo tentava acalmá-los, algo que havia aprendido com a mãe.

Ele sentia falta dos pais, queria sua casa de volta e havia prometido aos irmãos que os levaria para lá. Só que Kazuo não tinha certeza se seria possível encontrar o restante de sua família. Temia que todas as lembranças e seu passado estivessem agora irreconhecíveis entre as ruínas do que havia sobrado de Hiroshima. De qualquer forma, o garoto continuava determinado a honrar sua promessa.

O único problema era que eles estavam presos naquele internato fedido, que mais parecia um mausoléu. Era difícil entender tudo o que havia acontecido nos últimos dias. Aquela luz, aquele calor. A explosão que afetara a vida de todos trazia consigo mais consequências do que apenas destruição e morte. Era como se um portal houvesse sido aberto no mundo dos vivos, permitindo a passagem de criaturas decadentes que se aproveitavam da tragédia para se alimentar e crescer, e agora Hiroshima estava repleta de espíritos e seres maléficos. Eles caminhavam pelas ruas, invadiam as casas e também estavam ali no internato. Kazuo podia senti-los, a espinha tremendo com arrepios. A sensação também afligiu sua irmã Michiko:

— Eles estão vindo, *niisan*¹ — disse a pequena enquanto ajustava os óculos redondos. As lentes estavam sujas.

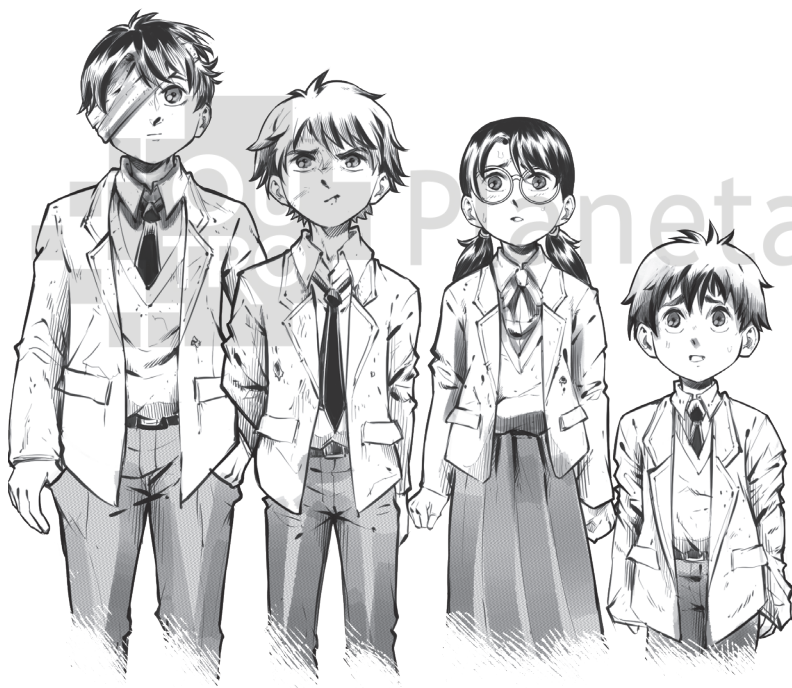
1. O termo *niisan* é usado para se referir ao irmão mais velho, normalmente homem. *Neesan* é utilizado para a irmã mais velha.

Kazuo olhou ao redor, atento, mas a única pessoa na enfermaria além dos quatro era a senhora Akane, a diretora do internato. Uma mulher distinta, séria, que também tinha sua aparência manchada pelo que havia acontecido. Vestia um jaleco sujo, as olheiras eram profundas e, de tempos em tempos, ela tossia, mostrando que, por dentro, algo também estava errado.

— Estou com medo — Shiro reclamou, encolhido no terno surrado, quase dois números maior que seus ombros.

A senhora Akane não deu atenção ao caçula. Ela foi até a estante de vidro no canto da enfermaria, usou seu molho de chaves para abri-la e pegou um frasco.

— Vocês ainda não tomaram os remédios — falou, oferecendo algumas pílulas às crianças.



Obedientes, os quatro estenderam uma das mãos e receberam o medicamento. Em seguida, a senhora entregou canecas com água. “Os remédios eram fundamentais para todos os que foram expostos”, os médicos do internato diziam.

— Engula, Kazuo-kun² — a diretora ordenou.

Kazuo revirou a pílula na boca e a escondeu debaixo da língua. Não queria tomar aquilo. Para ele, o remédio tinha um efeito estranho. Não o deixava raciocinar direito e parecia inibir seus pensamentos. Tentando enganar a mulher, Kazuo engoliu o líquido em um gole grande, mas manteve a pílula na boca, como já vinha fazendo há quase uma semana.

Kenji, o segundo filho da família, limpou a boca na manga do terno logo depois de tomar sua água e foi repreendido com um olhar intimidador da senhora Akane. Michiko e Shiro beberam em seguida, sem demorar.

— Vão se sentir melhor em alguns minutos — ela afirmou após um longo suspiro.

Mas Kazuo sabia que aquilo não era verdade. A diretora não tinha a intenção de curá-los. Ela queria mantê-los ali, presos. E isso era algo que ele não podia mais permitir. Estava na hora de pôr em prática o plano que havia combinado com os irmãos.

Kazuo esperou a diretora dar as costas, cuspiu a pílula no chão e pisou em cima, escondendo-a. Seu gesto foi repetido por Kenji, Michiko e Shiro. Não poderiam estar sob o efeito daquela droga para que conseguissem escapar.

— Vamos — Akane falou, parada na soleira da porta que saía da enfermaria em direção aos dormitórios.

Nenhum deles se moveu.

A diretora se voltou para os irmãos com os olhos fixos em Kazuo. Ela retirou a régua de madeira grossa do bolso e bateu contra a palma da mão.

— Vamos! — repetiu, a voz firme de autoridade.

Akane fazia o possível para manter o controle sobre os órfãos do internato, mesmo que, às vezes, apelasse para ameaças e violência. Porém, ainda que sua posição lhe conferisse poder sobre as crianças, a situação naquele momento fazia com que transparecesse fraqueza. Ela teve outra crise de tosse.

Em resposta ao gesto hostil da diretora, Kazuo puxou da cintura a pequena espada de bambu que havia ganhado do pai.

— O que está fazendo, Kazuo-kun? — Akane perguntou, entre uma tossida e outra. — Já falei que não deve brincar com isso aqui dentro.

2. O sufixo *-kun* é normalmente utilizado depois de nomes masculinos, quando se fala com alguém mais novo ou em uma posição hierárquica inferior.

— Nós vamos embora — ele rebateu, a espada em riste, apontada para a diretora.

— Pela décima vez, garoto, vocês e seus irmãos precisam de tratamento. Estão doentes.

— Não estamos doentes! — Kenji respondeu com um tom de voz bastante mal-educado.

— Se teimarem, chamarei os monitores para colocarem vocês em quartos separados essa noite. Não irei permitir que desobedeçam às regras. — Era possível ver a veia saltada na testa da mulher.

Kazuo permaneceu sério, não se intimidava com os gritos. Ele estava mais preocupado com outra coisa...

— Niisan — Michiko chamou a atenção de Kazuo. — Eles já estão aqui.

Kazuo sabia de quem ela falava. Sua irmã tinha uma forte conexão com o plano espiritual, ou com o mundo dos mortos, como muitos diziam. Naquele momento, ela se referia aos *youkais*,³ as criaturas malignas que haviam invadido Hiroshima e que agora habitavam aquele internato.

Talvez alguma dessas criaturas tivesse possuído Akane. Isso explicaria o motivo de ela insistir tanto para que os irmãos tomassem as pílulas. Os *youkais* queriam incapacitá-los para que fossem presas mais fáceis. Quatro crianças longe dos pais são uma refeição deliciosa para esses demônios. Segundo o avô Hayato, eles adoram devorar crianças.

— Vamos — Akane mudou o tom. Parecia cansada. Não queria mais desgastes. — Agora que tomaram o medicamento — ela continuou —, sugiro que descansem.

Mas quando Kazuo moveu o pé, a pílula amassada se revelou. Os olhos da diretora se arregalaram, estavam fixos no chão, e sua reação foi imediata, como a de um cão raivoso.

— Kazuo-kun! — berrou. — Esses remédios são caros. Milhares de pessoas gostariam de ter a chance que vocês estão tendo.

— Não, Akane-sama,⁴ não cairemos nesse truque outra vez — ele disse, ainda apontando a espada de bambu na direção dela.

3. *Youkais* são criaturas do folclore japonês, comumente referidas como demônios ou espíritos que vagam pelo mundo dos vivos.

4. O sufixo *-sama* é usado para se referir respeitosamente a pessoas mais velhas ou em posições hierárquicas mais elevadas.

— Solte esse brinquedo! — ela ordenou, a régua de madeira pronta para acertar a cara do garoto.

— Isto não é um brinquedo — rebateu.

O rosto de Kazuo era pura determinação. Seus cabelos, caídos sobre a testa e sobre o curativo, ondularam com uma brisa que pareceu vir do além e, em um movimento leve, o garoto balançou a pequena espada, fazendo o bambu se soltar em pedaços de casca seca. Restava em suas mãos uma brilhante catana, que crescia e ganhava um fio afiado, a ponta mirando o pescoço de Akane.

— Minha espada carrega a honra da minha família. Ela revela as intenções verdadeiras das pessoas que nos querem mal — ele afirmou. A voz se engrossava, ganhava um tom forte, adulto.

— Você está delirando, Kazuo-kun. Precisa tomar o remédio.

Akane voltou-se para a estande, assustada, mas Kenji entrou na frente.

— Saia, Kenji-kun! — ordenou. — O que está acontecendo com vocês?

— Você nos deixará ir. — Kazuo tinha sobre os ombros o peso de cuidar dos irmãos, tinha sua honra e tinha a força de seus ancestrais que, sem o efeito do medicamento, voltava a correr por seu corpo. — Esta espada — ele continuou — é capaz de partir o céu em dois, de separar o bem do mal. E você, Akane-sama, não irá nos enganar. Seja quem for que a controla, vou quebrar esse feitiço agora.

Kazuo balançou a catana, fazendo sua lâmina vibrar em sintonia com o corpo de Akane. O rosto da diretora ganhou uma expressão de agonia, seus membros se retorceram e viraram em ângulos humanamente impossíveis. Pele e roupas se esfarelaram, dando espaço para que uma terrível criatura saísse de seu casulo. A boca se abriu, rasgando o rosto pálido e deformado em um sorriso amplo, assustador, repleto de dentes afiados. Em contraste, os olhos choravam lágrimas de sangue. Das articulações saíam ossos pontiagudos que perfuraram a pele seca. Os dedos se alongaram, formando garras assustadoras. Aquela era a real forma da diretora Akane. Ela não era humana. Nunca fora. Era a Senhora dos Youkais.

O poder da espada desfez o véu não só da ilusão de Akane, mas também do internato em si. As paredes revestidas de papel bege deram lugar a rochas úmidas e vigas de madeira que sustentavam o teto. O tatame do piso virou terra encardida e, de cima, estacas de rocha desceram pontiagudas. Era um covil malcheiroso, a caverna onde os demônios viviam. Os irmãos estavam presos no lar daquelas criaturas terríveis.

A última coisa a se transformar foi o próprio corpo de Kazuo. De posse da espada, ele se esticou, cresceu, ganhou músculos e um rosto mais adulto. O terninho da instituição que usava se desdobrou até formar um quimono de mangas largas, e a faixa do curativo no rosto se alongou deixando que as duas extremidades do tecido ficassem esvoaçantes atrás de sua cabeça. Kazuo era um samurai e lutaria como um.

— Maldito Kazuo! — Akane ameaçou. Não era mais necessário jogar com eles. — Comerei sua cabeça e depois matarei seus irmãos, um a um.

Michiko, Kenji e Shiro se entreolharam apavorados, mas Kazuo estava ali para protegê-los.

O rosto de Akane aproximou-se do jovem samurai, quase beijando-o com sua boca venosa. Em resposta, ele tentou acertar a cabeça dela com a catana, porém, a criatura desviou o pescoço como se fosse uma serpente.

O samurai não podia deixar que ela o tocasse. Os youkais eram especialistas em venenos, e o de Akane, sem dúvidas, era o mais forte de todos. Caso o acertasse, seria capaz de inocular uma quantidade enorme de toxina em seu corpo, colocando-o novamente em um estado de transe, no qual não teria acesso às suas habilidades ancestrais. Depois, bastaria esperar pela morte certa.

A sorte dos garotos era que Kazuo não havia sido o único na família a despertar certos dons depois da bomba. Enquanto ele enfrentava Akane, Kenji sacou de dentro da camisa um amuleto redondo, desprendendo-o do pescoço em um movimento brusco que foi emendado em uma pose ameaçadora de combate.

— Super-Kenji! — gritou, arrancando do item um brilho forte e azulado. Kazuo observou o irmão ser engolido por um clarão e, aos poucos, ganhar uma espécie de armadura alienígena com braços, pernas, tronco e capacete reforçados, cobrindo-o por completo como uma carapaça. O grande visor frontal e o chifre davam a ele a aparência de um besouro robusto e forte. Agora, com um corpo mais resistente e força sobre-humana, Kenji pulou sobre a Senhora dos Youkais, acertando-a com um murro.

— Kazuo-san⁵ — ele deu o sinal, segurando Akane contra a parede. Os braços ossudos da criatura se moviam como chicotes na tentativa de alcançar os garotos.

5. O sufixo *-san* também denota respeito, mas é menos formal do que *sama* e pode ser usado entre pessoas que têm o mesmo nível hierárquico ou a mesma faixa etária.

Kazuo puxou Shiro e Michiko para fora do covil da monstrenga e, ao passar pela entrada, decepou um dos braços da youkai com um golpe de espada — o sangue negro jorrou na parede. Akane urrou e se debateu com a dor, dando espaço para que Kenji também escapasse.

Os irmãos correram pelo corredor escuro até outra sala úmida. Iriam pela direita, mas Michiko não deixou.

— O que foi, *imouto-san*?⁶

Michiko tirou um pequeno espelho do bolso, olhou compenetrada para o próprio reflexo e seus olhos ficaram esbranquiçados. Os cabelos longos fluíam envoltos em uma energia leitosa, quase invisível. Kazuo sabia que ela estava em contato com o plano espiritual e, através dele, sentia a presença de mais youkais.

Akane era perigosa, sem dúvida alguma, porém o maior problema ali não era a Senhora dos Youkais, mas as suas crias. Os espíritos ruins que ela evocava para se alimentar das crianças que haviam sido levadas àquele lugar horroroso. E esses monstros estavam chegando. Michiko os pressentia desde o começo.

Do outro corredor, ao lado direito, o zunido dos espíritos ruins fez os pelos do braço de Kazuo ficarem eriçados. Milhares de olhos avermelhados se destacaram na escuridão do caminho, encarando os irmãos.

— Por ali. — Michiko apontou para a esquerda assim que a horda de criaturas medonhas começou a vir na direção deles.

Shiro gritou aterrorizado, mas logo Kazuo o pegou no colo e correu para o outro lado. De tempos em tempos, ele olhava para trás, vendo os youkais ganharem formas diversas. Eram como bichos, porcos, aranhas, raposas, todos com vários olhos, línguas compridas e chifres. Também era possível ver outras criaturas grotescas, que Kazuo não conseguia identificar se eram animais ou humanos. Elas corriam e voavam, atropelavam umas às outras como em uma avalanche, trazendo um rastro de névoa negra ao seu redor.

Levitando a alguns centímetros do chão, Michiko guiou os irmãos pelos corredores escuros da caverna. Ela continuava olhando para o espelhinho enquanto os youkais se aproximavam mais e mais. Parecia saber onde era a saída, mas, se continuassem naquele ritmo, seriam alcançados antes de colocarem os pés para fora.

6. Usa-se o termo *imouto* quando irmãos mais velhos se referem a uma irmã mais nova. O termo *otouto* é utilizado para um irmão mais novo.

Kazuo parou próximo à parede do túnel por onde corriam e colocou Shiro no chão. O caçula chorava de medo. Assim que o irmão mais velho ficou para trás, Michiko e Kenji voltaram.

— Vá com eles, otouto-san. Você tem que ser corajoso agora — disse em um tom paternal.

O pequeno Shiro acenou com a cabeça enquanto Kazuo secava as lágrimas do menino com a manga de seu quimono.

— O que vai fazer, niisan? — Michiko perguntou a Kazuo, seus olhos reabrindo a cor castanha habitual.

Mas o samurai não respondeu. Ele apenas ordenou que os irmãos continuassem e, decidido, virou-se de costas para eles, encarando a direção de onde os monstros vinham.

Kenji fez uma reverência à ordem do irmão mais velho e, com sua superforça, levantou Shiro em um dos ombros antes de correr para longe dos demônios que já estavam a poucos metros deles.

Kazuo posicionou as mãos delicadamente em sua arma: a direita na empunhadura da catana, a esquerda na bainha. Seu dedão desprendeu a lâmina, movimentando-a alguns milímetros para fora, o metal frio pronto para ser livre.

— Cuide-se, niisan — Kazuo escutou a voz doce de Michiko sobre seus ombros. Então, sentiu-a se afastar.

Confiante, o samurai continuou em posição de defesa, aguardando os monstros chegarem. E eles vieram violentos.

Sua espada era leve e rápida como o vento. Os movimentos de Kazuo foram precisos, partindo ao meio a primeira dezena de criaturas. No entanto, para cada uma que caía, três ou quatro vindas do fundo do corredor tomavam seu lugar. Eram muitas. Os youkais cercaram o samurai como uma matilha de lobos famintos. Rosnavam, uivavam.

Kazuo ainda tentou lutar bravamente. Mas seu corpo foi preso por tentáculos pegajosos, que o apertavam com uma força desumana. A catana caiu no chão quando ele foi erguido pelos monstros e, do alto, viu Akane surgir entre as criaturas amontoadas.

Ela aproximou seu rosto pálido e furioso de Kazuo, e o menino conseguiu ver o olhar sádico e as lágrimas sangrentas que haviam se coagulado nas bochechas ossudas do monstro.

— Moleque insolente — ela sussurrou. Seu pescoço esticado na direção do samurai, a língua molhando seus ouvidos. Akane finalmente saciaria sua fome.

A boca desceu depressa e cravou os dentes no pescoço do guerreiro, arrancando dele um berro de desespero. Enquanto tinha o sangue drenado pela youkai, ele sentiu o veneno adentrar seu corpo. Os braços ficaram pesados, os olhos se perderam na imensidão do corredor escuro.

Ele pensou nos irmãos mais uma vez, depois não pensou em mais nada.

